

Arte panfletária: Porto Alegre

Pamphlet art: Porto Alegre

Elilson

 0000-0001-7974-6304

elilson@usp.br

Resumo

“Arte Panfletária: Porto Alegre” é um relato que registra e desdobra uma das performances da série homônima que realizo desde 2018. Vestindo roupas sem estampas e portando uma sacola repleta de alfinetes de segurança, caminho à procura das panfleteiras e dos panfleteiros. Aceito todos os anúncios e discursos distribuídos nas ruas, oferecendo um ou dois alfinetes de segurança para que cada trabalhador(a) decida em que ponto de meu corpo seu panfleto deve ser anexado. Volto para casa somente quando meu corpo está integralmente panfletado. A performance já foi realizada seis vezes, entre 2018 e 2019, nas ruas do Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo, Recife e Buenos Aires, com durações que variaram de cinco a oito horas. Aqui, apresento o texto referente à ação em Porto Alegre, em setembro de 2018, às vésperas das eleições, com duração total de sete horas.

Palavras-chave

Escritos de artista. Performance. Mobilidade urbana.
Crônica. Prática ambulante.

Abstract

“Pamphlet art: Porto Alegre” is a narrative that records and unfolds one of the performances of the homonymous serie that I’ve been conducting since 2018. Wearing clothes without prints and carrying a bag full of safety pins, I walk in search of the pamphleteers. I accept all the advertisements distributed in the streets, offering one or two safety pins so that each worker decides where on my body their flyer should be attached. I only return home when my body is fully pamphleted. The performance has already been performed six times, between 2018 and 2019, in the streets of Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo, Recife and Buenos Aires, with durations ranging between five and eight hours. Here, I present the text referring to the action in Porto Alegre, in September 2018, on the eve of the elections, with a total duration of seven hours.

Vestindo calça comprida cáqui e camisa de mangas compridas cor de vinho, peguei uma carona saindo do Hotel Sesc Campestre, Avenida Protásio Alves, bairro Alto Petrópolis até o mercado público, no Centro Histórico de Porto Alegre. Todo o Largo que antecede o Mercado estava ocupado por barracas que funcionam como centrais de panfletagem. Cada uma vinculada a um partido político diferente ou a uma coligação de candidatos. Nas barracas, mesárias e mesários entregavam blocos de panfletos para ser distribuídos.

Alguns panfleteiros saíam sozinhos, outros em bando empunhando bandeiras, e ainda havia outros que entregavam por ali mesmo. Comecei a ação com um panfleteiro posicionado em frente à entrada do Mercado. Pedi e expliquei meu trabalho, ao que ele respondeu: “Não sei se posso. É que o chefe do partido tá bem ali”. Insisti. “E isso é pra quê? É pra TV?” Não, não tem ninguém me filmando, eu tô sozinho, juro. E isso é pra viver mesmo! À sua hesitação, não titubeei em apelar: Me ajuda, rapaz, cê vai ser o primeiro. “Se tu dizes, então tá ok”. Ele, então, pediu que eu mesmo colocasse, enquanto sorria, cobria os olhos e balançava a cabeça, repetindo essa sequência de gestos três ou quatro vezes.

Em seguida, um grupo de duas panfleteiras e um porta-bandeira de candidato. Uma delas me localizou: “E esse sotaque, é de onde?”. De Recife. “Tri a fuder esse sotaque, hein?”. Tri a fuder? “É. Quer dizer que é bem ótimo”. Eu adoro sotaques de modo geral, mas confesso que acho o de vocês massa demais também. “Mas a gente aqui no Sul tem sotaque?”. Ué, cada cidade tem o seu, ou até mais sotaques específicos, não? “Deve ter, mas é que achava que sotaque era coisa só do Norte”. Agradei e aguardei um senhor que, ao lado delas, terminava de entregar alguns santinhos com candidatos ao Legislativo. “Gostei disso aí, só não vou entregar um, porque sei que o fiscal ali não vai gostar. A não ser que você peça a ele”. Entendi, mas deixa eu te perguntar uma coisa: a prefeitura sempre disponibiliza esse largo para concentrar a panfletagem toda? “Nada! Tudo aqui, ó, é ilegal, mas em época de campanha pode tudo. Tá vendo ali a viatura da Guarda? Só pra fazer vista grossa”. Fui até o fiscal, que me entregou dois panfletos.

Ao longo do Largo, outras panfleteiras repetiram o receio e a indicação de falar com o responsável correlegionário. Uma das fiscais me reconheceu: “Essa fala é de Olinda?!” Do ladinho, Recife. “Mas é quase um bairro vizinho, tem diferença? Põe aí nele, menina, coloca logo um de cada, e os adesivos de FORA

MARCHEZAN também. Serve adesivo, guri?”. Olha, eu vou aceitar. “Pois então coloca mesmo e adiciona ele no instagram, vamo logo fazer amizade pra ter casa no Carnaval de Olinda”.

Alguns passos e encontrei um panfleteiro do PSOL, que recusou colaborar partidariamente e linguisticamente: “Então, legal, mas é que nosso partido não faz panfletagem. Isso aqui é militância. Só os engajados no Partido é que distribuem. Além do mais, não seria interessante pra gente estar perto desses candidatos”. Seguimos conversando sobre nossas intenções de voto e sobre as eleições de 2014. Conteí sobre a ação realizada um mês antes no Rio de Janeiro, partilhando que me interessam toda sorte de panfletos distribuídos, que o negócio mesmo é conversar. Ao me despedir, ele mudou de partido: “Me dá o alfinete, vou colocar aqui na tua barriga, lado a lado, essas duas candidatas feministas”.

Andei dois passos e avistei um senhor encostado num carro também panfletando para o PSOL. Senti vontade de confirmar a militância. “Não, meu filho, voto neles, não. Estou só fazendo alguma coisa pra não ficar parado. Meu partido mesmo é Jesus”. Segurando no meu ombro para falar à beira do meu ouvido, ele complementou: “Jesus e Lula. Como nenhum dos dois é candidato, eu ainda tenho que pensar”. Eita, moço, os alfinetes que eu trouxe do Rio estão acabando. Sabe dizer onde consigo comprar mais aqui perto? Ele direcionou e especificou: “Vai ali, mas não pede alfinetes, procura por Joaninhas!”.

Na loja, a funcionária me vendeu alguns pacotes de joaninhas, perguntando o que ando fazendo na cidade. Disse: “Eu não sou panfleteira, mas aqui na loja tem panfletos, posso colaborar também? Só não posso sair do balcão, então tu mesmo colocas”. Na calçada em frente ao armarinho, uma senhora tinha um bolo de panfletos anexados a uma prancheta. Pedi um, já com duas joaninhas na mão. “Ah, mas não posso. Isso aqui não é simplesmente um panfleto, é coisa bem séria. De imobiliária. Só entrego para quem preenche cadastro, e acho que você não tem perfil de quem procura terreno, né?”. Ela olhou minha roupa de um canto a outro, estacionou a prancheta no capô de um carro e me questionou: “Que disposição a sua de andar com esse pessoal na pele. É tudo ladrão. Você vai votar em algum deles?”. Eu não conheço a maioria, mas não ando só com eles na pele, ó, tem panfleto de clínica dentária, ótica... E eu não voto aqui, eu vivo no Rio de Janeiro. Mas, já que estamos conversando, fiquei curioso sobre nossa única possibilidade de voto em comum: em quem a senhora vai votar pra presidente?

“Não dá pra votar no PT, meu filho, temos que acabar com eles”. E quem é o seu candidato? “Ah, meu voto é pelo Brasil, vai ser no Jair Bolsonaro!”. Entendi. Mas posso fazer outra pergunta? A senhora, enquanto mulher, não se sente violentada pelas coisas que ele fala? Em resposta a sua testa franzida, relatei todas as declarações misóginas que lembrava de cabeça, porém ela se esquivou: “Essas coisas são montagem, não? Eu recebo no WhatsApp, é tudo montagem pra dar má fama a ele”. Contestei e continuei exemplificando. “Obrigada por falar. Não, isso não pode. Eu trabalho igual a um homem, por que vou ganhar menos? Isso aí não tá certo. Brigada. Vou repensar! Puxa, não dá pra votar nele também!”. Me despedi e caminhei de volta ao Mercado. No corredor de acesso, um ambulante gritou da esquina: “Salve, guri dos anúncios! Esse patrocínio todo aí não paga um salgado com suco?”.

Já no Largo, Larissa me garantiu que daria dois panfletos, mas com uma condição: “Me dá algumas joaninhas?! É que eu coleciono”. Claro, quantas você quiser. “Eu sou professora de educação física, mas no momento tô sem emprego formal e daí qualquer trabalho é trabalho”. Eu também sou professor, Larissa, mas de português e também sem emprego. “Pensei que você era ambulante”. Sou também, só não vendo nada. E você escolheu panfletar pra esse partido ou foi o primeiro a oferecer o serviço? “Eu não poderia, enquanto travesti, angariar votos para qualquer um. Esse trabalho apareceu, mas também foi escolhido. Meu partido tem que ser a minha vida”.

Três passos adiante e uma panfleteira saiu de um estande em minha direção: “Já tem candidato? Toma aqui, mais mulheres na política para o Brasil ser feliz de novo”. Quando aceitei, já com duas joaninhas na mão, ela finalmente percebeu minha roupa, voltando atrás: “Ih, não, você tá fazendo outra coisa, né?”. Não, minha coisa é justamente com teu panfleto! “Pois eu quero, vem cá, guri”, me chamou sua colega. “É a primeira vez em Porto Alegre? E tá gostando?”. Sim, primeira vez! Cheguei há quatro horas, mas tô amando andar aqui pelo Centro. “Quase sem rumo, né?”, me perguntou uma senhora, também panfleteira, mãe da que havia desistido. Esta, aos poucos, se aproximou e, de uma vez só, as três anexaram seus panfletos em mim. Conversamos sobre Porto Alegre, Recife e Rio de Janeiro. Sobre trabalhar na rua sendo homem e trabalhar na rua sendo mulher. No fim, a que havia me chamado primeiro vocalizou um roteiro do que seria imperdível na capital gaúcha. “Vai pra Cidade Baixa, guri. É a sua cara:

muita cerveja e cachaça. Estamos na Semana Farroupilha também. Quero ver você de adaga no bumbum lá no acampamento! E, olha, não se ilude que aqui é frio, passa protetor. Garanto que nessa época o sol daqui queima mais que Recife e Rio juntos”.

Em seguida fui apresentado ao Partido Pátria Livre por três jovens, dois militantes e o próprio candidato a deputado. Na sequência de nossa conversa sobre ditadura, nacionalismo e fascismo, me distraí por completo ao entrar numa roda com mais 30 pessoas para assistir à performance de um vendedor de pomadas que também é pulador de facas. Fiquei ali por meia hora, aguardando ansiosamente que ele pulasse no meio do círculo cravejado. A cada prenúncio do pulo, uma pausa era dada para uma longa descrição dos benefícios do remédio caseiro. Uma a uma, vi toda a caixa com latas de pomada ser vendida, mas não vi o pulo.

Após a aula pública de táticas de convencimento, esbarrei com cinco panfleteiros que divulgavam o mesmo partido. De um lado, três mulheres, do outro, um homem cadeirante e uma garota. Estrategicamente desenhavam um corredor incontornável – a única opção dos passantes era recusar ou aceitar os papéis. “Agacha aqui que eu mesmo quero colocar”, disse ele. “Mas, se você não trabalha pra política, por que faz isso?”, perguntou sua dupla. Talvez eu trabalhe com política, mas não para políticos. “Conversa fiada, não tá vendo que ele é artista? Se não é doido, é artista, pra fazer isso só tem essas alternativas!”, retrucou ele, prosseguindo: “E você, onde vai pregar na roupa dele?”. “Vou colocar aqui nas costas, porque esses políticos só nos viram as costas, a frente dele é que eu não dou pra essa gente”. “Isso aí”, concordaram as três mulheres do lado oposto do corredor. Então, vocês não votarão nela? Duas balançaram a cabeça e a terceira foi incisiva: “Eu? Vou levar uns desses pra casa e passar horas pisando na cara dela, e depois fazer um feitiço pra ela perder. Já roubou tanto aqui no Estado e nem lanche ou passagem pra gente oferece. É o dia todo aqui, moço. A gente vem de longe, estamos praticamente pagando pra trabalhar. Me dá essa joaninha que eu vou espetar a cara dela!”.

Na Rua Voluntários da Pátria, fui todo prosa com um homem segurando placa de compro ouro. Escutou meu pedido atenciosamente e, ao sorrir apontando com os dedos para seus dentes de ouro e prata, pediu pra saber o que aconteceu na caminhada do Rio de Janeiro. Soube, e então me disse: “Mas segue lá, eu não

tenho panfleto, não. Só trabalho com placas”. Do outro lado da rua, um anunciante da loja abaixou o microfone e me chamou às gargalhadas. “Quem tá te mandando fazer isso, moleque?”. Eu faço porque quero. “E pra quê?”. Pra te conhecer. “Pelo menos tá fazendo a gente rir.” Apenas ao me aproximar é que li “Segurança” em sua camisa. “Sim, sou locutor e segurança. Eu era só segurança, mas viram que eu tinha a voz boa, agora faço as duas coisas”. Mas, desculpe a indiscrição, o senhor recebe pelas duas coisas? “O que você acha?!”.

Bem ao lado, uma garota entregava anúncios de calcinhas a R\$ 1,50. Qual o seu nome? “Jussara”. Olha! Eu fiz amizade com uma panfleteira chamada Jussara lá na Rua do Ouvidor, bem no meio do Rio de Janeiro! “E o que ela distribui?” Panfleta para uma loja de cosméticos. “Quase o mesmo que eu, não é?”. Que horas são? “Quase treze”. Nossa, já estou atrasado para o outro trabalho. Eu volto aqui na sexta, se você estiver por aqui, Jussara, conversamos mais. De volta ao hotel, um impasse se instaurou na portaria. “Pois não?”, indagou o segurança ao me ver abrir o portão. Estou hospedado. “HOSPEDADO?!”, indagou sonoramente com os olhos fixos na minha roupa.

Na sexta-feira, quatro dias depois, vesti a mesma roupa e voltei às ruas do Centro para completar a ação. Ao longo de uma praça, conversei com inúmeras duplas de panfleteiros. Duas fizeram uma pausa no trabalho para pesquisar qual boneca comprar para as filhas em outubro. Pediram minha opinião, pedi seus panfletos. Dois rapazes aceitaram colaborar, desde que eu ouvisse atentamente as propostas de sua candidata. Ao término da campanha, agradei a ajuda. “Capaz”, me respondeu um deles. Bom trabalho, eu disse. “Boa arte!”, finalizaram. Duas senhoras com panfletos e bandeiras me chamaram para conversar, mas pediram que eu discretamente levasse os papéis sem colocar no corpo ou fotografar. “Nossa fiscal está ali na árvore, filmando tudo”.

Foi, então, que Testemunhas de Jeová se aproximaram. “Eu gostei dessa ideia, é criativa, mas tem um segundo para me responder uma pergunta?”. Claro. Uma delas leu em voz alta as alternativas da pergunta presente no folheto: “O que é o reino do céu? A) algo que está no coração. B) algo simbólico. C) um governo no céu?”. Olha, eu não faço ideia, mas eu aceito o folheto! Em que parte do meu corpo a senhora quer que eu o coloque? Minhas pernas ainda estão bem livres. “Ah, não, eu não devo fazer isso. Gostei do trabalho, mas isso aqui é escritura sagrada”. A missionária mais jovem, sorrindo, balbuciou: “Bota na coxa!”.



Figuras 1 e 2
Fotos de Amanda Moreto

Desci uma ladeira e um homem veio andando depressa e gritando: “Ei! “Eu te vi passar por ali e desci do ônibus no ato. Me deixa tirar uma foto? Prazer, eu me chamo Wladimir, sou jornalista e professor aposentado da UFRGS”, disse, me entregando seu cartão. Eu estudo deriva, quero postar no *face* e no *blog*, me dá uma sinopse do trabalho?!”. Adiante, dois rapazes vestindo uma camisa “FOTO 3 X 4” me escutaram silenciosamente e seriamente, e encontraram espaços no meu ombro para colocar seus panfletos. Quando virei de costas, tiveram uma crise conjunta de riso. Eu quis gargalhar junto, mas uma senhora me puxou pela mão: “Bom dia, abençoado, vem aqui pegar o dela”. Me guiou até uma panfleteira e deu um beijo no meu rosto. “Eu conheço ele, pode confiar, esse aqui é gente séria”. Atravessei a rua e em direção a um homem cego que tinha um bloco de papéis na mão. Ah, moço, desculpe, pensei que eram panfletos, mas é a loteria da caixa, né? Boas vendas e bom dia. “Não tem problema. Boa noite”.

Na Esquina Democrática, uma panfleteira muito jovem colocou em minhas costas o papel que distribuía e investigou: “Tem quase todo mundo aqui, menos o meu candidato. Ainda não encontrou nenhum dele?”. Quem é? “O Bolsonaro”. Ainda não encontrei mesmo, mas tampouco aceitarei os dele. “Ah, é? Mas você não diz que vale qualquer panfleto?”. Mas a vida é contraditória – brinquei. Existem várias coisas aqui em mim que eu não concordo, mas é que ele prega diretamente a minha morte, eu jamais poderei fazer isso comigo, conosco. “Eu entendo o que você está falando, é horrível mesmo todos os preconceitos dele, isso aí eu não concordo. Mas semana passada mesmo fui assaltada no Centro Histórico. Bateram em mim e ninguém fez nada. Se algum cidadão tivesse uma arma...”. Prosseguimos a conversa encontrando o que há de comum em nossas divergências. Enquanto ela colocava o panfleto em mim, um homem desabrigado se aproximou e nos pediu duas coisas: a ela, um panfleto; a mim, uma joaninha. Olhando bem para mim, pregou o panfleto em sua roupa, sorriu e seguiu. Olha, eu preciso ir, tem vários panfleteiros ali no final da rua. Mas lembra que segurança pública é dever do Estado e não dos cidadãos. Pensa quem são os cidadãos que poderão andar armados e pensa nos que morrerão ainda mais. Pensa nisso na hora de votar. E vota pensando em nossos e nesses corpos. Demos um abraço apertado e, ao fundo da rua, alguém começou a gritar.

“Guri! Guri, vem cá! Foi na Cidade Baixa ou não? Não passou protetor solar, né? Olha como tá bronzeado. Eu te disse que aqui era quente também”. De volta ao mercado público, outros reencontros aconteceram: Larissa me pediu outras

joaninhas; o primeiríssimo, agora não mais desconfiado, mostrou para os demais onde estava o seu panfleto no acúmulo do meu corpo; mais adiante, reencontrei o panfleteiro que me identificou como “artista”. Sentado em sua cadeira de rodas, ele gritou para as colegas: “Ele não disse que voltaria pra conversar?”. Na esquina com a Voluntários, um panfleteiro negociou: “Adoraria participar, mas aí eu vou ter que te pagar, né?” Não! “Ué, e você carrega tudo isso de graça?”. Dobrei na rua já procurando o segurança-locutor. “Mas você ainda tá nessa vida, amigão?”, ele disse, sorrindo e dando um pedala na minha cabeça. O amigo da loja ao lado gracejou: “Eita, mas esse aí é o mais indeciso de todos”. “Ele não vota em ninguém, não é daqui, e tá aqui só pra divertir a gente”. Eu é que estou me divertindo, respondi, seguindo até duas panfleteiras de anúncios de calcinha. Uma delas correu: “Não posso, vai que o chefe tá lá de cima olhando e não gosta?”. “Me dá que eu coloco, só me dizer onde”, disse sua colega, olhando para cima, se esquivando do chefe, enquanto uma terceira, que distribuía anúncios de clínica dentária, olhou bem para os lados, jogou na minha mão o bolo de papéis que restavam e, correndo para longe, exclamou: “Fura tudo aí na tua bunda, ô, viado!”.

Seguindo pela rua, a cada dois passos meu corpo foi, vez por vez, preenchido. Dos encontros, dois panfleteiros insistiram para que eu conhecesse os estabelecimentos em que trabalham: o primeiro me garantiu desconto no almoço. O segundo distribuía um vale de cinco reais para um jogo caça-níquel. “Temos que achar um destaque superior. Vou botar aqui no teu ombrinho, mas suba mesmo as escadinhas e vá jogar. Tô te dando cinco reais de graça, irmão, aproveita”. Enquanto conversava, o alfinete entrou não na minha camisa, mas na minha pele. Batendo no panfleto colocado, ele concluiu: “Pronto, estancou!”.

Depois, um homem encostado num poste faz sinal de “pera” com a mão direita e, bolso a bolso, me entregou um exemplar de cada panfleto que distribui ao longo do dia: casa de tatuagem, “maria sem vergonha, brinquedos sexuais”, cueca boxes e escritório de advocacia. Na sequência, dois ambulantes senegaleses perguntaram sobre o trabalho, olharam todos os candidatos e questionaram: “Mas, cadê o Lula? Ele não vai ser candidato? Queria votar nele. Ele é amado em nosso país”. Uma senhora me parou batendo levemente com a bengala em minha perna, e expressou com uma fala dificultosa: “Você, que é moço e tá aí cheio de coragem na rua, não deixe de pregar contra o fascismo”. Atravessei e, de frente a uma ótica, recebi o panfleto do rapaz. Oxe, mas o teu é o da ótica do outro lado da rua. “Exatamente. Ótica Pontual, ótica rival. Pego os indecisos daqui e levo pra minha”.

Por trás dos vidros das farmácias, armarinhos e lojas de roupas, trabalhadoras e trabalhadores sorriam, apontavam e se esticavam para ver sem ouvir as conversas com os panfleteiros. Na entrada de uma loja, contudo, um segurança saiu para participar: “Mas você é malandro, hein? Olha a ironia que você tá fazendo com essas mentiras todas! Você não é do Rio, mas vem do Rio de Janeiro, não é?”. Como o senhor sabe? “Eu conheço bem aquela cidade, tava na cara. Lá tem essa esperteza engraçada. Nunca me esqueço de um cara que ficava na Cinelândia com uma placa na camisa: *Vendo informações*. Aliás, ele era a tua cara...”.

Ao final do percurso, depois de sete horas divididas em duas manhãs e com o corpo circulando partidos, crediário, religiões, restaurantes, *blogs*, *lingeries*, *sexy shop*, óticas, caça-níquel e tudo mais que me encontrou pelos caminhos, reencontrei a senhora do primeiro dia, mãe da panfleteira que retrocedeu e colega da guria das dicas culturais e precauções solares. Nos abraçamos demoradamente e ela, fazendo com que eu girasse para olhar cada panfleto carregado, me ensinou e arrematou: “Você já entendeu que esse trabalho que você anda fazendo por aí é sobre união?”.



Figura 3
Instalação *Arte Panfletária*
(roupas, panfletos e
áudios) – Exposição VI
Prêmio EDP nas Artes,
Instituto Tomie Ohtake,
2018.
Foto: Ricardo Miyada

Elilson é artista, pesquisador e professor. Doutorando em artes visuais na USP, é mestre em artes da cena pelo PPGAC-UFRJ e graduado em letras pela UFPE

Artigo submetido em setembro de 2021 e aprovado em novembro de 2021.

Como citar:

Elilson. Arte panfletária: Porto Alegre. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 27, n. 42, p. 250-260, jul.-dez. 2021. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n41.18>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.